

A UNIANIMES DIVINA COMO MODELO PARA RELAÇÕES HUMANAS EM AGOSTINHO

UNIANIMES DIVINA AS A MODEL OF HUMAN RELATIONSHIPS IN AUGUSTINE

Roberto Barboza da Silva¹

Resumo: O presente texto trata sobre a unidade da Trindade e mostra como Agostinho buscou inserir esta unidade no seu ideal de vida comunitária cenobítica, nas relações entre os cristãos e de modo geral nas relações entre os seres humano. A partir da noção de que as três pessoas da trindade é um Deus uno, mostrando que o Pai é um, o Filho outro e o Espírito outro, Agostinho coloca no centro das relações entre seus monges e cristão como também todo ser humano, a *unianimes*. A *unianimes* deve ser buscada por todos, pois todos coabitam na mesma comunidade chamada mundo.

Palavras-chave: Unianimes. Monge. Trindade.

Abstract: This text deals with the unity of the Trinity and shows how Augustine sought to insert this unity into his ideal of cenobitic community life, in relationships between Christians and generally in relationships between human beings. Starting from the notion that the three persons of the trinity are one God, showing that the Father is one, the Son another and the Spirit another, Augustine places the unanimous relationship between his monks and Christians as well as every human *unianimes*. *Unianimes* must be sought by everyone, as everyone lives in the same community called the world.

Keywords: Unianimes. Monk. Trinity.

Introdução

O que Agostinho chama de: “*unianimes habitetis in domo*”², a habitação unânime na casa (convento) é o motivo essencial pelo qual os servos de Deus se reúnem em comunidade, é o porquê e para que da vida religiosa, e, é também a obra que os servos devem procurar levar a cabo com todas as suas forças. Os motivos pelos quais tratamos deste tema é em primeiro lugar por causa de sua importância fundamental dentro da Filosofia e Teologia monástica agostiniana. Na Filosofia vemos o esforço tremendo que Agostinho dispensa na sua obra *De Trinitate* para mostrar como

¹ Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas.

² AUGUSTINUS, *Ad Regola servos Dei*, NBA-VII/2, Città Nuova Editrice, Roma 2001, I, 2.

Deus, apesar de ser três pessoas é um Deus Uno e na Teologia porque a perfeita união dos servos de Deus na casa é o motivo essencial pelo qual eles vivem todos juntos.

Neste texto analisaremos alguns pontos que entusiasmaram o ideal agostiniano da unidade na comunidade. Começaremos pela bela concepção que ele tem deste mistério que é o Deus uno e trino, grande exemplo de diferença e unidade, e torna modelo de comunidade. Outro ponto, que sem sombras de dúvida influenciou nosso autor foi sua concepção de Igreja, esta contava de vários membros formando a perfeição de um Corpo. *Consta de muitos e é um só. Muitos cristãos, um só Cristo. Os cristãos unidos a sua Cabeça, que subiu ao céu, formam um só Cristo*³. E esta deve ser estimulada e representada pela comunidade religiosa. Adiante, abordaremos um tema que Agostinho era apaixonado e que incansavelmente fazia em suas obras referência o tema é: a comunidade dos primeiros cristãos de Jerusalém (At 4,32ss) como ideal a ser seguido. Para findar este capítulo trataremos do que chamaríamos de carisma do fundador que aqui é relatado como o grande amor que Agostinho tinha pela vida comum.

Iremos também abordar alguns meios para se alcançar a “*unianimes habitetis in domo*”. Estes são caminhos propostos pelo próprio Agostinho na sua Regra para que seus monges cheguem a viver a unidade na comunidade, sendo apesar de muitos um só coração. Mostraremos importância de o monge amar a Deus unicamente, pois se todos têm o coração em Deus a unidade se concretiza eficazmente. É preciso dizer que este texto apesar de ser embasado em uma obra denominada como teológica e direcionado a monges, o ideal de unidade que ele condensa é um ideal para todo e qualquer ser humano racional.

O ideal agostiniano da unanimidade na comunidade

É na sua Regra (*Ad Regola servos Dei*)⁴ que Agostinho irá elaborar o tema dessa *unanimidade na comunidade*, tema do qual irá emergir sua concepção e ideal de vida comunitária cuja abrangência é a comunidade humana. O que teve influência sobre ele nessa elaboração?

³ AUGUSTINUS, *en. Ps.* CXXVII, 3.

⁴ Sobre a expressão “servos de Deus”, que Agostinho usa na sua Regra, é interessante assinalar que quando ele e seus companheiros chegaram a Cartago no fim de 338, esse “título” os fazia pertencer a uma categoria de pessoas mal definida, mas facilmente reconhecível: eram servos de Deus (“*servi Dei*”). Como tais, recebiam as visitas do clero local, e foram alojados com honras na casa de um piedoso funcionário (*De Civ.* XXII 8,3). Alguns bons leigos católicos escreveram para pedir-lhe orações (cf. *ep.* XX,2). Estes *servi Dei* deviam a sua posição à adesão total a Deus que não

Primeiramente, a concepção da Trindade como comunidade perfeita onde existem três Pessoas, todavia são uma só e mesma substância. “*O Espírito Santo é, pois alguma coisa comum ao Pai e ao Filho seja o que for, mas essa comunhão é consubstancial e co-eterna*”⁵. Como diz Agostinho, “*pela graça somos convidados a imitar essa unidade de amor com relação a Deus e entre nós mesmos*”⁶.

Em segundo lugar, a concepção que ele tem de Igreja:

Cristo é nossa Cabeça, Cabeça de um corpo. Não se pode falar em cabeça, onde não existe corpo ao qual pertença. Portanto, se Cristo é Cabeça, é Cabeça de um corpo. O corpo desta Cabeça é a santa Igreja, da qual somos membros, se amamos nossa Cabeça. Ouçamos, então, as vozes do corpo de Cristo, isto é, nossas vozes, se estamos no corpo de Cristo⁷.

Em terceiro lugar, a grande influência que ele recebe do ideal da comunidade primitiva de Jerusalém (At 4, 32) onde tudo o que eles tinham era posto em comum com os demais irmãos.

Eis outra característica importante que será mais compreensível quando virmos as idéias teológicas de S. Agostinho sobre o monaquismo. O essencial da espiritualidade que reinava no *episcopium* de Hipona nos chega através dos Sermões 355 e 356 de S. Agostinho: se trata sempre da imitação da mais antiga comunidade cristã de Jerusalém⁸.

Enfim, sua própria personalidade que, por um lado, desde cedo, demonstrou grande afeição pelos amigos, em quem encontrava força e consolo e, por outro, que exercia uma grande atração sobre esses mesmos amigos por sua cordialidade e simpatia⁹.

dependia do estado clerical ou monástico. Agostinho menciona o seu projeto de vida depois da conversão no jardim de Milão, não ainda de modo específico (*conf.* VIII,10,22).

⁵ AUGUSTINUS, *A Trindade* VI, 7, Patrística 7, Paulus, São Paulo 1994, 223.

⁶ *Ibidem*, VI, 7.

⁷ *Idem*, *en. Ps. CXXXIX*, 2. Na *Trindade* Agostinho diz: “*Cristo não disse: ‘que eu e eles sejamos um’, embora sendo a Cabeça da Igreja e sendo seu corpo (Ef1, 22), pudesse dizer: ‘que eu e eles sejamos não uma só coisa, mas um’, porque a Cabeça e o corpo formam um só Cristo. E segue o Bispo dizendo: assim como o Pai e o Filho são um, não apenas pela igualdade de essência, mas também pela mesma vontade assim aqueles dos quais o Filho é Mediador junto ao Pai sejam um, não somente por terem a mesma natureza, mas também pela união do mesmo amor*”. AUGUSTINUS, *trin.* IV, 9.

⁸ VERHEIJEN, *La Regola di S. Agostino*, 38. “*Ecco un altro tratto importante Che diventerà più comprensibile quando parleremo delle idee teologiche di s. Agostino sul monachesimo. L’essenziale della spiritualità che regnava nell’episcopium d’Ippona ci è noto attraverso i Sermoni 355 e 356 di S. Agostino: si tratta sempre dell’«imitazione» della più antica comunità Cristiana di Gerusalemme*”. Cf. Também outros autores que tem a mesma ou opinião: Sempre que Agostinho aborda o seu ideal de vida monástica, ele aponta para a palavra dos Atos dos Apóstolos (4,32). ZUMKELLER, *Regra de Santo Agostinho*, 31.

⁹ Cf. TACK, T., *Se Agostinho estivesse vivo*, Paulinas, São Paulo 1993, 11. Cf. AUGUSTINUS, *conf.* IV, 4,7.

Temos assim, o que chamaríamos de quatro colunas que sustentam o edifício da unidade agostiniana. Esses pontos aqui elencados serão indispensáveis para Agostinho construir seu ideal da unanimidade, já que em cada um deles deixou bem visível o paradigma teológico dessa unanimidade, ou seja, não basta viver em comunidade, mas, é preciso que se viva tão ligado a Deus que os corações sejam uníssonos no mesmo canto de Amor. Na Regra, esse grande ideal vem expresso assim¹⁰:

<i>Primum, propter quod in unum estis congregati, ut unianimes habitetis in domo et sit vobis anima una et cor unum in Deum.</i>	<i>Vivei unanimes na casa, tendo “um só coração e uma só alma em Deus, porque a concórdia é a primeira finalidade de vossa vida em comunidade.</i>
--	--

Portanto, aquele que quer ser monge tem que saber com clareza que seu grande objetivo será amar a Deus e amar os irmãos em Deus já que como diz são João não pode haver alguém que ame a Deus e simultaneamente odeia seu irmão (cf. 1Jo 4,20.21).

Amar o irmão, para Agostinho, é um termômetro para verificar se estamos amando a Deus: “vejamos se há outro modo de se verificar se alguém ama a Deus, porque se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão é mentiroso”¹¹. E mais a frente conclui seu pensamento dizendo: “Tu que amas o irmão, necessariamente, amas o mesmo amor. Ora, ‘Deus é amor’. Aquele que ama o irmão, portanto, por certo ama a Deus”¹². Cumprir o mandamento do amor é exercê-lo num plano vertical e horizontal, ser unânime na comunidade também exige este duplo direcionamento do amor.

Enfaticamente, antes de qualquer outro interesse, ele exorta a comunidade a procurar a “*unianimes habitetis in domo*”. No primeiro versículo da sua Regra ele

Emprega repetidas vezes a palavra ‘um’. Torna-se claro que a frequência do termo é proposital. Com isto quer dizer-nos expressamente o quanto é importante para ele que nós, de fato, cheguemos a formar uma santa unidade de coração. A frase contém, por assim dizer, o programa da vida conventual agostiniana¹³.

¹⁰ AUGUSTINUS, *Ad Regola servos Dei*, NBA VII/2, Città Nuova Editrice, Roma 2001. Texto vernáculo: ORDEM DOS AGOSTINIANOS DESCALÇOS, *Normas de vida dos Agostinianos Descalços*, 9. Para o texto da Regra em português, usaremos a edição apenas citada. No entanto não deixaremos de levar em consideração, como já fizemos acima, as traduções de BOFF, *A via da comunhão de bem*, e de ZUMKELLER, *Regra de Santo Agostinho*.

¹¹ AUGUSTINUS, *Comentário da primeira Epístola de São João IX*, 10, Paulinas, São Paulo 1989.

¹² AUGUSTINUS, *Comentário da primeira Epístola de São João IX*, 10.

¹³ ZUMKELLER, *Regra de Santo Agostinho*, 30. Cf. Também LUÍS, P. de, “Espiritualidad de la Regla de san Agustín”, *Revista Estudio Agostiniano* 39/2 (2004), 300. “Ya dijimos que la Regla se presenta como un conjunto de

Este é o grande projeto agostiniano, a perfeita união entre os irmãos que coabitam. Durante toda a sua Regra veremos que praticamente todas as prescrições focalizam este tema. Vejamos alguns exemplos disso:

Todos devem ser um só e amar a um só *“anima una et cor unum in Deum”*¹⁴;

Tudo o que é material deve ser de posse de todos: *“Nada chameis, por isto, propriedade vossa, mas tudo seja comum entre vós”*¹⁵;

Apesar de entender as dificuldades físicas para alguns fazerem os jejuns Agostinho o prescreve a todos: *“Domai a vossa carne pelo jejum, abstendo-vos de comida e bebida”*¹⁶;

Para ajudar no combate contra o pecado da castidade ele prescreve que sempre estejamos juntos: *“Quando sairdes ide juntos e juntos ficai, quando chegardes ao destino”*¹⁷;

No caso de uma falta até mesmo a correção para ser mais eficaz de ser comunitária: *“leve-se um segundo ou um terceiro a observá-lo, para, que, caso negue sua falta, possa ser convencido pelo testemunho de duas ou três pessoas e ser punido com o necessário rigor”*¹⁸;

Quanto às vestimentas também devem ser comum e num único lugar: *“conservai as vossas roupas num único lugar”*¹⁹;

No trabalho deve ser procurado também o bem de todos e os servos de Deus devem se alegrar por realizar trabalhos para o bem de todos: *“Nenhum dentre vos trabalhe para si, mas todos visem ao bem comum, dedicando-se ao trabalho com maior empenho e alegria do que se cada um trabalhasse para si próprio”*²⁰;

Pede aos servos de Deus que, recebendo alguma coisa de presente, coloquem-na *“... à disposição do superior para que, posta entre as coisas comuns, ele a distribua a quem necessita”*²¹.

preceptos que han de cumplirlos religiosos que la siguen. Y lo primero que les ordena es que habiten unánimes en la casa y tengan un alma sola y un solo corazón hacia Dios. Antes de comentarlo, digamos que añade: “Este es el motivo por el que, deseosos de unidad (in unum), os habéis congregado.” Es la constatación a que nos hemos referido. El que ha entrado en la comunidad agustiniana ha aceptado, con opción personal, el programa de la Regla contenido en ese primer precepto.” E Frei Gabriele comenta este ideal assim: *“Agostinho, logo no início da Regra, propôs como preceito e como ideal de perfeição a vida cenobítica de comunhão e de comunidade, isto é, a vida de partilha dos bens materiais e espirituais, a vida de fraternidade e de amizade, que funde os corações e as almas numa só.”* FERLISI, *Os Agostinianos Descalços*, 43.

¹⁴ AUGUSTINUS, *reg. I, 2.*

¹⁵ ORDEM DOS AGOSTINIANOS DESCALÇOS, *Normas de vida dos Agostinianos Descalços*, 12.

¹⁶ *Ibidem*, 11.

¹⁷ *Ibidem*, 12.

¹⁸ ORDEM DOS AGOSTINIANOS DESCALÇOS, *Normas de vida dos Agostinianos Descalços*, 12.

¹⁹ *Ibidem*, 15.

²⁰ *Ibidem*, 15.

²¹ ORDEM DOS AGOSTINIANOS DESCALÇOS, *Normas de vida dos Agostinianos Descalços*, 15.

Sobretudo essa última prescrição indica que já não existe o meu, mas, sim o nosso o que é de todos. Eis aqui, o grande ideal agostiniano viver sem divisão numa unidade celeste como Cristo e o Pai (Jo 17,20ss)²².

A Trindade modelo de vida comum

Grande sistematizador do Dogma da Santíssima Trindade, Agostinho sabia muito bem que nosso Deus é trino, mas vive em perfeita comunhão, e justamente por esse motivo é Uno. Partindo deste conceito de Deus ele verá na Trindade o perfeito modelo de vida comum, o ideal a ser seguido.

No *De Trinitate*, Agostinho define o Espírito Santo “*como uma comunhão inefável do Pai e do Filho*”²³. São três pessoas que existem em perfeita concórdia, a “*coabitação das três Pessoas ao interno de uma só Natureza divina*”²⁴, uma paz efetuada mediante o Espírito Santo²⁵, aquele mesmo Espírito que uniu a comunidade de Jerusalém (como já vimos, uma das grandes inspirações do ideal agostiniano). “*As numerosas almas dos primeiros cristãos de Jerusalém, dos Apóstolos e em geral das primeiras cabeças e doutores da Igreja, tornaram-se uma só alma em direção a Deus. O fogo do Espírito Santo as fundiu in anima una et cor unum in Deum*”²⁶.

É interessante ressaltar que Agostinho acena para a necessidade da multiplicidade dos fiéis terem um só coração para que se compreendam a unidade da Trindade. “*Estas três realidades não são três deuses nem três onipotentes, mas um só Deus onipotente, toda a Trindade é um só Deus; porque uma só coisa é necessária. Mas não podemos chegar a esta unidade se mesmo sendo muitos*

²² *La Regola di S. Agostino nei commenti di Ugo da S. Vittore e B. Alfonso de Orozco*, trad. A. Vita, Bramante 1989, 129. “*In cielo no ci sarà più il mio e il tuo, ma tutto sarà comune. Noi imitiamo qui quella vita e, per poterla vivere anche lassù, la sperimentiamo e la esercitiamo qui in terra non possedendo nulla e non dicendo mai di alcuna cosa: «è mia».*”

²³ AUGUSTINUS, *trin.* V, 11,12.

²⁴ VERHEIJEN, *La Regola di S. Agostino*, 40.

²⁵ *Ibidem*, “*Questa pace, pax unitatis, si realizza nello Spirito Santo, in quella Carità infinita Che Egli è.*”

²⁶ *Ibidem*, 41. “*Le numerose anime dei primi cristiani di Gerusalemme, degli Apostoli e, in genere, dei primi capi e dottori della Chiesa, sono diventate un 'anima sola, rivolta verso Dio. Il fuoco dello Spirito Santo le ha fuse in anima una et cor unum in Deum.*”

não formos um só coração”²⁷. Assim, até mesmo para se compreender a unidade da Trindade é necessário que os cristãos também estejam unidos.

Não só para a vida monástica, mas para toda a Igreja, Agostinho sempre ressaltou a comunhão e unidade de coração com base na perfeita comunidade que é a Santíssima Trindade. Até mesmo a paz e a unidade da perfeita comunidade de Jerusalém é sobreposta pela unidade da Trindade. Semelhante a união das três Pessoas da Santíssima Trindade que são um só Deus, a primitiva comunidade de Jerusalém era um só coração e uma só alma em Deus²⁸. Como resume Manrique, a unidade de amor que Agostinho pede que exista no mosteiro é fruto da Trindade e obra do Espírito Santo. Os monges, por serem imagens da Trindade, devem amar-se uns aos outros, pois com isso de fato amam a Deus.

O amor torna comum a todos o que cada um possui. “Quando pensamos na paz que gozais em Cristo, escreve o Santo aos monges, também a nós, carregados de inumeráveis fadigas, descansamos na vossa caridade” (Epis.XLIII,1). Esta unidade de caridade nos mosteiros é obra do Espírito Santo, do qual cada membro é templo, e a sua raiz última está *in Deum* não em nós, isto é na Trindade. Santo Agostinho considera primeiramente a caridade na Trindade: *in Deum* não em nós. Por meio da sua reflexão personalíssima sobre a imagem divina no homem, como imagem da Trindade, chega a ver em nossa alma uma participação na caridade mesma de Deus. Se amamos o irmão na caridade, visto que Deus é caridade, amamos o irmão em Deus²⁹.

A caridade que une a Trindade, que é vista como comunidade de amor, é a mesma que deve ser seguida e imitada, pois é o Espírito que une ambas. Aqui se funde completamente o amor

²⁷ AUGUSTINUS, *Sermones/Discursi* CI,3,4. NBA-XXX/2, Città Nuova Editrice, Roma 1983. “*et tamen ista tria non tres dii, non tres omnipotentes, sed unus Deus omnipotens, ipsa Trinitas unus Deus: quia unum necessarium est. Ad hoc unum non nos perducit, nisi multi habeamus cor unum*”.

²⁸ Cf. Idem, *Epistolae/Lettere* CLXXXV, NBA, vol. XXVIII, Città Nuova Editrice, Roma 1974. Cf. também: LUÍS, P. de, “Espiritualidad de la Regla de san Agustín”, *EstAg*, 305. “*Si la comunidad monástica agustiniana se inspira en la comunidad de Jerusalén y si esta, a su vez, refleja la comunidad trinitaria y la escatológica, la comunidad agustiniana se entiende también desde estas. En consecuencia, cuando los religiosos intentan reproducir en su comunidad el ideal de la comunidad primitiva de Jerusalén, saben que reproducen simultáneamente, aunque de modo infinitamente pobre, la unidad que el Amor realiza en el Dios trinitario. Mirando hacia ella, advierten que la unidad, que conlleva el tener todo en común, solo la hace posible el amor mismo de Dios, derramado en los corazones de los religiosos por el Espíritu santo (Rom 5,5)*”.

²⁹ MANRIQUE, *Teologia Agostiniana*,108. “*L’amore rende comune a tutti quanto ciascuno possiede. «Quando pensiamo alla pace che godete in Cristo, scrive il Santo ai monaci anche noi, quantunque carichi di innumerevoli fatiche, riposiamo nella vostra carità» (Epis.XLIII,1). Questa unità di carità nei monastero è opera del Spirito Santo, del quale ogni membro è templo, e la sua radice ultima affonda in Deum, cioè nella Trinità. Sant’Agostino considera primieramente la carità nella Trinità: in Deum non in noi. Per mezzo della sua speculazione personalissima sull’immagine divina nell’uomo, come immagine della Trinità giunge a vedere nella nostra anima una partecipazione della carità stessa di Dio. Se amiamo il fratello nella carità giacché Dio é carità, amiamo il fratello in Dio.*”

vertical ao horizontal, isto é, o monge que ama o irmão está amando a Trindade e sendo sinal dela por sua unidade com o irmão.

Na Carta Apostólica comemorativa do XVI centenário da conversão de Santo Agostinho, João Paulo II deixa muito claro que Agostinho modelou seu projeto a partir da Santíssima Trindade: “*O mosteiro vem a ser a casa do Pai comum - Pai nosso - e seu modo de amar - sua solicitude, sua paciência, sua misericórdia - converte-se em lei da vida comum*”³⁰. Nele não pode haver mais divisões de classes: “*todos igualmente filhos do mesmo Pai, todos igualmente em gozo da mesma riqueza, que é o próprio Deus, prontos para compartilhar tudo, porque tudo nos foi doado na festa de misericórdia*”³¹. Na sua benevolência o Pai dá-nos seu Espírito que é: “*o amor do Pai e do Filho - para que seja a força de nosso amor e o vínculo de nossa comunhão a fim de que não só cada um de nós seja imagem da Trindade, mas que, todos juntos vivamos e sejamos a expressão da unidade do amor trinitário*”³². E esta perfeita unidade de Deus foi empregue por Agostinho em sua teologia monacal e na sua própria vida: “*Assim o Espírito quis a Igreja; assim entendeu Agostinho convertido à vida monástica: congregada pelo Espírito pelo orvalho do Hermon ao redor da Eucaristia, para que possamos viver o que esta significa e gere a unidade na caridade*”³³.

Assim, fica muito claro que esse pilar da *unianimes habitetis in domo*, ou do ideal agostiniano, a unanimidade terrestre, que deve existir no mosteiro e na comunidade de todos homens advém da unanimidade celeste, isto é, do Deus Uno e Trino. “*O Pai e o Filho querem fundar uma comunidade entre nós e com Eles, com o que é comum a eles; mediante aquele dom que nos une, o Espírito Santo, querem nos conduzir a unidade*”³⁴. Dessa forma, esta unidade proveniente do modelo de comunidade que é a Trindade deve ser seguida por aqueles que querem ser monges, mas também por todos os seres humanos, pois todos são criados por Deus e fazem partes da mesma comunidade que é o mundo.

³⁰ JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica no XVI centenário da conversão de Santo Agostinho*, Paulinas, São Paulo 1987, 54.

³¹ *Ibidem*.

³² *Ibidem*.

³³ *Ibidem*.

³⁴ AUGUSTINUS, s. *Dolbeau*. LXXI, 12,18. “*Quod ergo commune est Patri et Filio, per hoc nos voluerunt habere communionem et inter nos et secum, et per illud donum nos colligere in unum, quod ambo habent unum, hoc est, per Spiritum Sanctum Deum et donum Dei.*”

Considerações finais

Tínhamos proposto-nos a tentar compreender o que é a “*unianimes habitetis in domo*” na Regra de Agostinho, pois este conceito é muito valioso para a fundamentação da vida religiosa dos monges, mas também atinge a todos os seres humanos como habitantes da grande comunidade chamada mundo. O ideal da *unianimes* instrui os monges a uma vida de respeito e valorização da dignidade do outro monge. Este ideal também deve estar presente nas relações de qualquer indivíduo na sociedade, pois apesar das diferenças que existem entre nós devemos buscar a unidade já que o reconhecimento do outro como um outro Cristo nos remete a uma admiração e um agir respeitoso para com este. Lembremo-nos aqui que até mesmo ateus declarados admiravam a pessoa de Cristo.

Ficou também claro a seriedade que este ideal agostiniano “*unianimes habitetis in domo*”, ou seja, a perfeita união entre os vários servos de Deus que vivem juntos, não basta que os servos habitem simplesmente juntos vimos que é preciso que vivam num só coração e numa só alma, porque isto é a primeira finalidade da vida em comunidade. Portanto, ficou-nos claro aqui que quem ingressa na vida religiosa segundo a ótica agostiniana deve ter o intuito de amar a Deus sobre tudo e viver na perfeita comunhão com os irmãos.

Vimos que a Trindade é um modelo de vida comum para os servos de Deus, pois a três Pessoas que coabitam perfeitamente também concluímos que a comunidade é desejo do Pai e do Filho mediante o que Lhes é comum, o Espírito Santo, fundar uma comunidade que viva na unidade.

Enfim, este ideal “*unianimes habitetis in domo*”, ao menos nos impele a pensar qual o modelo de social que desejamos nas inter-relações humanas, um modelo que busque uma separação por quaisquer tipos de valores ou ideologias que sejam ou um modelo que vise o respeito a dignidade humana com um acréscimo de que o próximo deve ser visto como se fosse um outro Cristo? Assim, toca-nos dar uma grande importância, antes de tudo ao amor incondicional a Deus, pois se temos os corações direcionados totalmente a Ele não há lugar para divisão já que há um único objetivo para todos, amar a Deus, e, quem ama a Deus deve amar Deus que está no outro, caso contrário não está amando verdadeiramente a Deus. É somente Deus que pode ser comum a todos e que por isto a unidade deve advir deste Único comum. Também vimos que a presença do irmão é presença de Deus e que mediante tal constatação os monges e todos os seres humanos

devem dedicar-se mutuamente no amor. Mesmo havendo uma grande dificuldade de amor pelo outro não é possível viver o ideal agostiniano sem amar o outro na comunidade se isso acontece a noção de amor por Deus é uma hipocrisia. Justamente por isto, Agostinho nos deixou claro a importância deste amor e até mencionou que na ordem da ação ele é anterior ao amor de Deus³⁵. Dessa forma, amar o próximo, exercer o amor dentro da comunidade humana é fundamental, pois como afirma Agostinho quem diz amar a Deus e não ama o outro é como se tivesse beijando a Cabeça de Cristo, e pisando simultaneamente os seus pés, os demais irmãos³⁶. Assim, o amor a Deus deve ser materializado nas ações concretas da vida humana, nas relações dentro da grande comunidade chamada mundo.

Referências Bibliográficas

AUGUSTINUS. *Ad Regola servos Dei* (La Regola). Nuova Biblioteca Agostiniana (NBA) – Opere di San’Agostino, Vol. VII/2, (Ed. Latino-Italiana) Roma: Città Nuova Editrice, Roma 2001.

_____. *Enarrationi in Psalms*. Nuova Biblioteca Agostiniana (NBA) – Opere di San’Agostino (Ed. Latino-Italiana) Roma: Città Nuova Editrice, Roma 1977.

_____. *Sermones*. Nuova Biblioteca Agostiniana (NBA) – Opere di San’Agostino (Ed. Latino-Italiana) Roma: Città Nuova Editrice, Roma, 1989

_____. *Comentário aos Salmos*. Vol I Salmos 1-50. Vol II 51-100. Vol III 101-150, Col, Patrística São Paulo: Paulus, 1997.

AUGUSTINUS. *A Trindade*. Col, Patrística São Paulo: Paulus, 1994.

_____. *Cidade de Deus*. Vol I, I-VII. Vol II, IX-XVI. Vol. III, XVII-XXII. São Paulo: Américas 1961

_____. *Comentário da primeira Epístola de São João IX*, 10, Paulinas, São Paulo 1989.

VERHEIJEN, L. *La Regola di S. Agostino. Studi e ricerche*. Palermo: Augustinus. Vol V 1986.

_____. *La Regola di S. Agostino: verso un ideale di bellezza e libertà*. Palermo: Augustinus. Vol VII 1993.

³⁵ AUGUSTINUS, Io. eu.tr. XVII.

³⁶ AUGUSTINUS, ep. Io. tr. X,8.

FERLISI, G. *Os Agostinianos Descalços. Constituição e Carisma*. Roma: 2008.

LUÍS, P. de. **Comentario a la Regla de san Agustín**, Capítulo V (I-II) *Revista Estudio Agostiniano* XL/1-2 (2005) 5-64 e 243-304.

MANRIQUE, A. *Teologia Agostiniana della vita Religiosa*, Milano: Àncora, 1968,108.

ORDEM DOS AGOSTINIANOS DESCALÇOS, *Normas de vida dos Agostinianos Descalços- Regra Constituição e Diretório*. 3ed. Nova Londrina: 1986.

E-mail: robertoars33@gmail.com